



Volume III, número 1, jan-jun, 2022, pág. 333 - 361

**Sou homem trans, apresento minha história, minha luta:** da impossibilidade, me fiz  
possibilidade

**I am a trans man, I present my story, my struggle:** from the impossibility, I became a  
possibility

Tharcio Vito Marialva Ferreira  
Milena Cecilia Barroso Fernandes  
Adria Pimentel Silva  
Janderson Costa Meira  
Emerson de Matos de Souza  
Ewerton Helder Bentes de Castro

### Resumo

Pessoas transgênero sofrem constantes violências, sendo estigmatizadas e marginalizadas na sociedade por subverterem os padrões dos papéis de gênero. Os mais variados tipos de violência são impetrados, contudo, a discussão permanece à margem, literalmente periférica, principalmente na esfera de políticas públicas. Entretanto, conseguem ir além da dor e do sofrimento e redimensionam seu olhar sobre si mesmas, sobre o outro e sobre a vida. Desse modo, a presente pesquisa mostra-se relevante devido a exiguidade de referencial teórico e a lacuna de conhecimento no cenário da região amazônica. Portanto, o estudo objetivou compreender a percepção de pessoas transgênero acerca de sua historicidade e seus modos de enfrentamento e superação. A pesquisa é de caráter qualitativo, descritivo e exploratório e utilizou os parâmetros do método fenomenológico da pesquisa em psicologia. A obtenção dos dados foi realizada através da entrevista fenomenológica áudio gravada e partiu de questão norteadora e resultou em desdobramentos onde foram identificados sentidos e significados dos discursos. Foram considerados participantes 2 homens trans e a análise dos dados amparou-se no referencial teórico de Martin Heidegger. Foram elaboradas 4 categorias de análise: 1. **Ser quem sou:** trilho meu caminhar; 2. **O preconceito é experienciado;** 3. **O olhar do outro:** é necessário refletir, ir além do preconceito; 4. **Minha sugestão a você:** possibilite-se! Conclui-se que o enfrentamento e a transcendência de situações transfóbicas, preconceituosas e discriminatórias possibilita que as pessoas consigam ir além de sua orientação sexual e identidade de gênero e se percebam como seres de possibilidade, inclusive com a capacidade de contribuir para que o outro que está em sofrimento, possa enfrentar e seguir adiante afirmando que da im-possibilidade se fizeram possibilidade.

**Palavras-chave:** Homens trans, preconceito, superação, sentido, fenomenologia



### Abstract

Transgender people suffer constant violence, being stigmatized and marginalized in society for subverting the standards of gender roles. The most varied types of violence are filed, however, the discussion remains on the sidelines, literally peripheral, mainly in the sphere of public policy. However, they manage to go beyond pain and suffering and resize their gaze on themselves, on the other and on life. Thus, this research is relevant due to the paucity of theoretical framework and the knowledge gap in the Amazon region scenario. Therefore, the study aimed to understand the perception of transgender people about their historicity and their ways of coping and overcoming. The research is qualitative, descriptive and exploratory and used the parameters of the phenomenological method of research in psychology. Data collection was performed through audio-recorded phenomenological interviews and was based on a guiding question and resulted in developments where senses and meanings of the speeches were identified. Two trans men were considered participants and the data analysis was based on the theoretical framework of Martin Heidegger. Four categories of analysis were elaborated: 1. Being who I am: trail my walk; 2. Prejudice is experienced; 3. The gaze of the other: it is necessary to reflect, go beyond prejudice; 4. My suggestion to you: make it possible! It is concluded that coping with and transcending transphobic, prejudiced and discriminatory situations allows people to go beyond their sexual orientation and gender identity and perceive themselves as beings of possibility, including the ability to contribute to the other who is in suffering, can face it and go on affirming that the im-possibility became a possibility.

**Keywords:** Trans men, prejudice, overcoming, meaning, phenomenology

### Introdução

O debate sobre os direitos da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) está em crescimento nos últimos anos. O processo de conquistas desses direitos é marcado por coragem, muitas lutas e resistências, pois a dificuldade e exclusão ao acesso a direitos básicos, tais como saúde e educação, afetam diretamente a qualidade de vida dessa população (Sampaio & Germano, 2017). Como exemplo das vitórias da comunidade LGBT podemos citar o reconhecimento da união homoafetiva pelo Superior Tribunal Federal (Brasil, 2011b), e com isso os efeitos jurídicos decorrentes de tal deliberação, dentre eles o direito à herança e inclusão de dependentes em planos de saúde. Outras conquistas que podem ser nomeadas para o grupo mais específico da população de transgêneros são: a alteração do registro civil pelas travestis e transexuais independentemente de cirurgia de redesignação genital, laudos de equipe multidisciplinar e ação judicial (Brasil, 2018).

Além disso, mais recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou os diagnósticos de “transexualismo” e “travestismo” dos Transtornos Mentais da nova



Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Foi incluído na lista de condições relacionadas à saúde sexual o diagnóstico Incongruência de gênero que “é caracterizada por uma incongruência acentuada e persistente entre o sexo experienciado de um indivíduo e o sexo atribuído. Comportamento variante de gênero e preferências por si só não são uma base para atribuir os diagnósticos neste grupo” (World Health Organization, 2018)<sup>1</sup>.

Dentro desse contexto, mas ainda se percebendo a necessidade de maiores pesquisas científicas sobre esses grupos, especialmente trabalhos que ouçam e envolvam os próprios sujeitos na construção de conhecimentos acerca de suas vivências, esta pesquisa focará na população transgênero. Portanto, neste ponto, considerando-se a especificidade do grupo em questão, sentimos a necessidade de distinguir orientação sexual de identidade de gênero, uma vez que pode haver alguma dúvida em relação a tais terminologias.

Entende-se por orientação sexual o direcionamento do desejo sexual, afetivo e/ou emocional. Preponderantemente há três orientações sexuais; para alguém do mesmo gênero (homossexual: gays e lésbicas), ao gênero oposto (heterossexual), ou mesmo para ambos os gêneros (bissexuais) (Reis, 2018). Os estudos sobre sexualidade indicam ainda que as orientações sexuais mencionadas não são as únicas – há quem desenvolva atração por pessoas independente do gênero (pansexuais) e ainda quem não sente qualquer desejo sexual, seja pelo mesmo gênero ou pelo gênero oposto (assexuais) – o que mostra uma grande fluidez quando se trata da sexualidade humana (Preciado, 2014; Louro, 2018).

Já a identidade de gênero refere-se à auto identificação com o gênero correspondente ou não ao sexo biológico. De modo geral, mas não categórico, mulheres transexuais nasceram e foram designadas ao sexo masculino, mas se auto identificam com o gênero feminino. No caso particular das travestis, apesar de apresentar uma performatividade de gênero feminino (Butler, 2017), estas não se reconhecem no

---

<sup>1</sup> Tradução nossa



binarismo de gêneros, mas sim como um terceiro gênero ou um não-gênero (Reis, 2018; Jesus, 2012; Kulick, 2008).

Por conta dessa subversão dos padrões de papéis de gênero, travestis e mulheres transexuais sofrem constantes violências, sendo estigmatizadas e marginalizadas da sociedade (Simpson, 2015; Ferreira et al., 2017). A invisibilização é tão grande que não há dados oficiais unificados sobre essa população por parte de órgãos do governo (Pinto et al., 2017). As informações disponibilizadas são coletadas por meio de Organizações da Sociedade Civil e Associações, algumas delas mostradas a seguir.

No âmbito internacional temos a Transgender Europe, que em seu último relatório informou que foram reportadas 2.016 notificações de homicídios de pessoas transgênero no mundo entre o período de janeiro/2008 a dezembro/2015. Relatou ainda que 802 das mortes notificadas foram atribuídas ao Brasil, colocando-o como o país com mais assassinatos do mundo em número absolutos (Transgender Europe, 2016).

Já no Brasil, há várias associações realizando esse tipo de trabalho, dentre elas podemos destacar a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) que mapeia e contabiliza os assassinatos ocorridos pelo país. De acordo com esta associação, só no ano de 2017 ocorreram 179 assassinatos de pessoas transgênero, sendo que tais dados são subnotificados uma vez que não há na legislação brasileira a tipificação do crime contra identidade de gênero (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018).

Outra forma de violência vivenciada por esta população se dá na falta de respeito ao uso do nome social em vários espaços, por exemplo no SUS. Apesar de ter garantido o seu uso através da Portaria 1.820/GM/MS de 2009 nos serviços de saúde, é constante a violação deste direito, evidenciando a falta de acolhimento por parte dos técnicos e agentes da área. Tal atitude se torna um obstáculo, dentre tantos outros, ao acesso aos serviços de saúde, podendo ocasionar, por exemplo, em desistência de tratamentos (Ferreira *et al.*, 2017; Silva, L. et al., 2017).

Além disso, o preconceito e a discriminação sofridas geram angústias que podem estar linkadas do ambiente doméstico ao acadêmico e ao profissional, culminando em uma série de situações constrangedoras. Contudo, essas pessoas conseguem ir além do



mero descaso e ampliam seus olhares acerca de si mesmas e, nesse ínterim, munem-se de vários arcabouços de enfrentamento e conseguem superar os revezes, transformando-se a pari passu em quem são atualmente. Assim, compreender esse processo de ressignificação poderá auxiliar outras pessoas que, na mesma condição, estão passando por situações que confrangem, provocando dor e sofrimento.

A sociedade contemporânea tem, dentre seus elementos mais evidenciados, a diversidade sexual e tudo o que diz respeito a esse tema. Muito se fala na mídia acerca do que vem ocorrendo continuamente com pessoas que, não satisfeitas com seus corpos de nascimento, sentem-se como ausentes de si mesmas, estranhas em seu próprio corpo, são as pessoas trans.

Não bastasse a sensação de estranhamento presente, outro aspecto – digamos muito contemporâneo – vem unir-se a este último, a violência por parte de pessoas que não aceitam sua condição. Vivenciam, dessa forma, situações de preconceito e discriminação que, muitas vezes propicia o surgimento de violência física resultando em morte.

Entretanto, sabe-se de muitos casos em que o enfrentamento foi realizado e, conseqüentemente a superação. Neste viés é que vem este trabalho, no sentido de compreender como ocorreram esses momentos e como é para elas, pessoas trans, olharem para sua própria história e perceberem que conseguiram ir além do parâmetro da violência em si mesma. Concomitantemente, buscaremos multiplicar essa informação, no sentido de levar até jovens e adolescentes que estão experienciando a dor oriunda de comportamentos violentos do outro devido sua orientação sexual, mostrando que é possível enfrentar e superar essas questões.

Além disso, considerando a evidente escassez de estudos sobre pessoas *trans* na região norte do Brasil, mais especificamente em Manaus, Amazonas, este projeto transparece sua relevância pelos seus objetivos de compreender a percepção de pessoas transgênero acerca de sua historicidade e seus modos de enfrentamento e superação, sob olhar da Psicologia Fenomenológico-Existencial. O estudo justifica-se pelo pioneirismo em levantar conhecimento ao redor do tema, o que pode ser pontapé para outras pesquisas,



quantitativas e/ou qualitativas complementares, que deem origem ou aprimorem estratégias para o acompanhamento de grupos de pessoas transgênero em situação de vulnerabilidade.

Outro aspecto relacionado ainda à relevância da investigação, diz respeito a que estudos com esta natureza poderão suscitar a discussão na formação em Psicologia e áreas afins, possibilitando alicerçar o conhecimento e redimensioná-lo no que concerne ao estudo de gênero e diversidade sexual.

Dessa forma, torna-se relevante esse estudo, uma vez que a pessoa trans conseguiu ir além da violência a que foi submetida e, dessa forma, lançou mão de estratégias de enfrentamento que a fizeram seguir. Esse movimento a retirou do contexto fragilidade e vulnerabilidade existenciais.

Neste momento, *problematizamos* a proposta de projeto em epígrafe: Quais estratégias foram utilizadas para superar situações de preconceito e discriminação?

Sabemos que a contemporaneidade tem sido marcada por mudanças e/ou transformações profundas na vida das pessoas. Entretanto, mesmo diante de tanto conhecimento, a sexualidade continua a ser tabu e vista com reticência pela maioria. Contudo, torna-se necessário compreender a vivência da pessoa trans que conseguiu ir além destes fatores acima elencados. Torna-se, a nosso ver, premente compreender a percepção de homens e mulheres trans acerca de sua trajetória de vida. Para isso, será utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia, parâmetros do Grupo de Encontro e a análise sob o viés da Fenomenologia de Martin Heidegger.

## **1. Um olhar sobre a temática na literatura**

### **1.1 Definição de Transgênero**

Transgênero, de acordo com a Associação Americana de Psicologia – APA (2014), é um termo genérico utilizado para pessoas cuja identidade de gênero, expressão de gênero e comportamentos não condizem com o que está tipicamente associado com o sexo ao qual foram designados no momento do nascimento. Identidade de gênero refere-se ao senso interno de uma pessoa de ser homem, mulher ou outra coisa; expressão de



gênero refere-se ao modo como uma pessoa comunica sua identidade de gênero aos outros através de comportamento, roupas, cabelo, voz ou características corporais (APA, 2014).

“Trans” é às vezes utilizado como uma forma abreviada para “transgênero”. Ao passo que transgênero é geralmente um bom termo para ser utilizado, nem todas as pessoas cuja aparência ou comportamento são desviantes ao padrão de gênero vão se identificar como pessoas transgênero. O modo como se fala de pessoas transgênero na cultura popular, na academia e na ciência está em constante mudança à medida em que a consciência individual, conhecimento e abertura sobre pessoas transgênero e suas experiências crescem (APA, 2014).

O fenômeno transgênero está fundamentado na não-conformidade com a norma de gênero, não se tratando apenas de ‘mais uma’ identidade gênero-divergente, mas de uma circunstância sociopolítica de inadequação, discordância, desvio ou não-conformidade com aparelho binário de gênero, existente em todas as identidades gênero-divergentes (Lanz, 2014). De acordo com Jesus (2012), o sexo é biológico e o gênero é social, construído pelas diferentes culturas, e vai além do sexo, de modo que o que importa, quando são definidos o que é ser homem e o que é ser mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como o indivíduo se expressa socialmente.

As normas de gênero vão especificar o que a sociedade designa como atributos, papéis e condutas de homem e mulher que se transformam em expectativas sociais de desempenho (Lanz, 2014). De acordo com Hancock e Greenspan (2010), citado por Lanz (2014), na maioria das sociedades ocidentais, gênero é categorizado como masculino e feminino, cujas normas podem variar drasticamente em diferentes culturas e períodos de tempo; comportamentos compatíveis com o que a sociedade espera com relação ao gênero são definidos como normativos, enquanto que aqueles comportamentos incompatíveis são definidos como não-normativos.

Em termos de gênero, todos os seres humanos podem ser delimitados em “transgênero” ou “cisgênero”, onde cisgênero são as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no momento do nascimento (Jesus, 2012). Cisgênero tem



sua origem no prefixo latino “cis”, que se traduz como “deste lado”, enquanto que o prefixo “trans” se traduz como “do outro lado” (Modesto, 2013). O indivíduo “cisgênero” é aquele que se encontra bem ajustado ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que lhe foi atribuída ao nascer, em função de seu órgão genital exposto, ou seja, este indivíduo está de acordo e se sente confortável com as normas de conduta de gênero instituídas pelo contexto sócio-histórico em que se encontra. Ao passo que os indivíduos transgênero não se sentem conformes, mas constrangidos, desconfortáveis e/ou desajustados dentro da categoria de gênero (homem ou mulher) que receberam ao nascer – desta forma, são obrigadas a “transgredir” as normas de gênero que lhe foram impostas para que enfim possam expressar a identidade de gênero a qual se identificam e se reconhecem (Lanz, 2014).

Para que seja garantida a legitimidade dos sujeitos e para que seja construída a materialidade dos corpos, as normas regulatórias de gênero e sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Estas normas são invenções sociais e, tal como qualquer outra norma, os sujeitos podem tanto reafirmá-las quanto tentar escapar delas. A partir desta afirmativa, travestis e transexuais, de algum modo reinventam seus corpos e buscam escapar desta normativa que é imposta ao seu sexo e/ou gênero (Langaray & Ribeiro, 2016).

As teorias discursivas de análise das pessoas transgênero têm como objetivo o reconhecimento psicossocial e a minimização da invisibilidade das pessoas trans, de modo que seja desconstruída a noção estereotipada que reproduz, para a sociedade, a ideia de encenação performática provinda dos corpos transgêneros (Freitas, 2019). Ainda de acordo com a autora, a transgeneridade busca advertir para a necessidade da discussão sobre identidade de gêneros e no enfoque no respeito às diferenças de gênero e orientação sexual.

## 1.2 Transfobia

Homens e mulheres transexuais, e as travestis tem em nosso país um espaço inexistente, cheio de exclusão, falta de acesso a direitos civis básicos e não tem sequer o



reconhecimento de sua identidade. São cidadãos e cidadãs que têm seus direitos básicos negados, direitos esses que são fundamentais como o direito à vida, que infelizmente acaba sendo ameaçado diariamente ( Jesus, 2012).

Segundo a Organização Internacional Transgender Europe, entre 2008 e 2011 trezentas e vinte e cinco pessoas trans foram assassinadas no Brasil (sendo a maioria mulheres transexuais e travestis). Estes dados se tornam mais triste quando comparados com os dados do ano de 2020 que ainda não se encerrou, já que segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) através do boletim Nº 03/2020 mostra que ocorreram 89 assassinatos de pessoas trans no primeiro semestre de 2020 no Brasil, caracterizando um aumento de 39% em relação ao mesmo período do ano passado.

Segundo Jesus (2012), os crimes direcionados às pessoas trans repetem os padrões de crimes de ódio, que são motivados por preconceito contra pessoas de grupos socialmente desprotegidos, minorias e parte de grupos discriminados, os crimes cometidos são caracterizados como sendo hediondos pela forma que acontecem, sendo muitas vezes por várias facadas, apedrejamento e sendo atingidos pelas costas.

De acordo com Souza e Sposito (2018) esses dados de violência demonstram a realidade triste que é o extermínio da população trans, mostrando como a nossa organização social é marcada por processos de desvalorização das pessoas trans, que acarretam em outras vulnerabilidades como a falta de acesso à educação, saúde pública e a entrada no mercado de trabalho em que seja possível a obtenção de empregos formais.

Longaray e Ribeiro (2016) afirmam que transexuais e travestis são alvo do que chamam de investigação e análise do anormal, por serem entendidos como corpos abjetos, por serem considerados por muitos como aberrações por desafiarem a heteronormatividade, ou seja, são produzidos fora da inteligibilidade social e incoerentes com relação à normativa vigente e hegemônica. Desta forma, provocam repulsa na sociedade, na maioria das vezes.



### 1.3 Transexualidade e o acesso às Políticas Públicas

A portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011, Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT) com o objetivo geral de promover a saúde integral da população LGBT, eliminando a discriminação e o preconceito institucional e contribuindo para a redução das desigualdades e para consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo.

O acesso à saúde pública, apesar de ser um direito a todos, como bem lembra a Constituição Federal, ainda sim apresenta dificuldades para grande parte das minorias, estando incluso os transgêneros com a escassez de profissionais especializados a entender à demanda desta população e sua discriminação em ambientes já conquistados.

Há também a ressalva de que isto foi uma mudança que visa uma saúde igualitária, o que pode também acabar dando destaques às diferenças, como diz Pelúcio (2011). A autora dá o exemplo da criação do Ambulatório para Travestis e Transexuais pela Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, que por um lado é um projeto que proporciona um espaço separado e específico para atender essa população com pessoas preparadas para atendê-las porém o problema se mostra quando se cria uma UBS (Unidade Básica de Saúde) específica para travestis e transexuais e não procurou pluralizar as outras UBS já existentes para atender a todos sem discriminação e se preferiu construir um específico que acaba isolando pessoas que já estão sendo isoladas a anos.

Pelúcio (2011) ainda argumenta que tanto a criação de ambulatórios quando a criação de campanhas específicas para um grupo são meios de sublinham as diferenças, segundo ela:

Quando se cria políticas preventivas para HIV/aids específicas para algumas populações ou ambulatórios exclusivos para outras, estamos diante de um dos paradoxos da igualdade, dos quais nos fala Scott, em seu livro *O Enigma da Igualdade* (2005) Ao mesmo tempo em que se promove a igualdade, pelo acesso



universal aos serviços de saúde, se está sublinhando justamente a diferença que se deseja superar.

De acordo com as leis, nova resolução nº 2.265 do Conselho Federal de Medicina de janeiro de 2019, apresentaram novas determinações do entendimento dos conceitos de transgênero, transexual e travestis, bem como a forma que se dará esses atendimentos voltadas à demanda desta população, especificando cada parte desse processo aos indivíduos transgêneros como se apresenta o art. 4º:

Art 4. A atenção especializada de cuidados específicos ao transgênero de que trata esta Resolução deve contemplar o acolhimento, o acompanhamento ambulatorial, a hormonioterapia e o cuidado cirúrgico, conforme preconizado em Projeto Terapêutico Singular norteado por protocolos e diretrizes vigentes.” (CFM, 2019).

Por tratar-se de um assunto de recentes pautas e movimentações pela busca de seus direitos, há um desacordo muito grande em relação ao entendimento por parte da sociedade, principalmente pelo Brasil ter uma base, em especial, muito forte da religiosidade, e isso causa muito preconceito sobre diversos assuntos, particularmente sobre assuntos de gênero e sexualidade; e, atualmente, tem uma participação grande de posicionamentos políticos.

Em 2019, foi proposto o projeto de Lei 3419, que estava em análise na Câmara dos Deputados, sobre a proibição da cirurgia de redesignação sexual para menores de 21 anos pelo deputado Heitor Freire (PSL-CE), mesmo que na resolução nº 1955/2010 do Conselho Federal de Medicina do mesmo ano já tenha uma específica sobre a idade mínima para tal mudança tal qual art.4º:

Art. 4. Que a seleção dos pacientes para cirurgia de transgenitalismo obedecerá a avaliação de equipe multidisciplinar constituída por médico psiquiatra, cirurgião, endocrinologista, psicólogo e assistente social, obedecendo aos critérios a seguir definidos, após, no mínimo, dois anos de acompanhamento conjunto:

- 1) Diagnóstico médico de transgenitalismo;
- 2) Maior de 21 (vinte e um) anos;
- 3) Ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia.”



Enquanto, para menores de 18 anos, na Resolução nº 2.265/2019, diferente do que foi usado como justificativa no projeto sobre “o cérebro humano de uma pessoa com menos de 18 anos não estar totalmente desenvolvido para a tomada de tais decisões irreduzíveis”, o art. 11 diz:

Art. 11. Na atenção médica especializada ao transgênero é vedada a realização de procedimentos cirúrgicos de afirmação de gênero antes dos 18 (dezoito) anos de idade.

E, mesmo com esses avanços, os espaços voltados ao atendimento do processo transexualizador, que inclui os profissionais multidisciplinares além do uso de hormônios e, por fim, caso seja de agrado do indivíduo, a cirurgia; ainda são poucos comparados ao tamanho territorial do Brasil e o número de sua população, ainda mais se levar em consideração a região Norte.

#### 1.4 Processo Transexualizador

O processo até a cirurgia é um caminho logo, pois não parte apenas da escolha do indivíduo transgênero para que ocorram as decisões quanto ao seu corpo, mas também conta com a participação de toda uma equipe e várias etapas até o seu destino final. O Conselho Federal de Medicina, em 2019, apresentou em 20 de setembro, a resolução nº 2.265 com reajustes quanto ao processo transexualizador perante a lei brasileira, contando com detalhes a sequência desses estágios.

Como primeiro estágio, apresenta o Projeto Terapêutico Singular (PTS) que “deverá ser elaborado é um conjunto de propostas de condutas terapêuticas articuladas, resultado da discussão de uma equipe multiprofissional e interdisciplinar com o indivíduo, abrangendo toda a rede assistencial na qual está inserido e contemplando suas demandas e necessidades independentemente da idade”. (CFM, 2019)

O PTS aparece com um olhar humanizado quanto às questões dos indivíduos transgêneros, além de apresentar, na elaboração desse projeto:

- e) deverá constar a existência do histórico patológico, proporcionando os devidos encaminhamentos necessários;



f) considerando a fase peculiar do desenvolvimento, as ações sugeridas pelo PTS deverão ser construídas com crianças, adolescentes e seus pais ou responsável legal.

## 2. Fenomenologia de Martin Heidegger

Em "Ser e Tempo", Heidegger (2013) faz uma abordagem, a partir do método fenomenológico, sobre a questão do Ser, de onde faz seu ponto de partida. Através do próprio homem, o filósofo aponta que esse é o caminho pelo qual o Ser se dá a conhecer. A solidão do homem propicia o interrogar-se a si mesmo, colocando-se como centro da questão e, assim refletindo sobre ele mesmo, é quando o Ser se mostra, o ser se des-vela. Desvendar o ser em si mesmo, partindo da existência humana (*Dasein – Ser-aí*) é o objetivo da reflexão filosófica deste autor.

Heidegger (2013) apresenta ainda outro termo: preocupação. A preocupação remete ao ser como co-presença dos outros no encontro que se realiza no mundo das relações. Também designado como solicitude, pode apresentar-se autêntica ou inautenticamente. Inautêntica quando domina e faz do outro dependente, realizando as suas escolhas por ele, caracterizando um “saltar sobre o outro”. Autêntica, quando possibilita o processo de crescimento do Ser, não o substitui, caracterizando um “saltar diante do outro”, possibilitando ao outro ser ele mesmo. Distingue o tempo como uma questão a ser considerada. Na temporalidade existe a dimensão que, no pensamento heideggeriano, é fundamental da existência humana, uma vez que é aí que o *Dasein* encontra condição de realização em suas possibilidades de vir-a-ser (Castro, 2009; 2017;2020).

O ser humano ao ser lançado no mundo, sem a sua participação, “nu”, torna-se a própria angústia. O *Dasein*, o próprio ser do sujeito existente, conforme Heidegger (2013) é o objeto sobre o qual recai a inquietação. Esse *estar-aí* concreto, singular e inacabado, instável, tem consciência de que pode ser sempre mais, que é potência, aristotelicamente falando, mas que não basta a si mesmo. Não é ato. É projeto, possibilidade, salto no abismo, angustia-se. Na angústia se está estranho. Eis a *pre-sença* na angústia. A



tempestade do ser (Castro, 2009; 2017; Pereira & Castro, 2019; Soares & Castro, 2020; Silva & Castro, 2020).

Ponto fundamental em Heidegger (2013) é no que se refere ao cuidado como constituindo a própria dimensão do ser da *pre-sença*, o pôr-se para fora: é o *ec-sistir*, movimento do existir. O cuidado - como processo de constituição da *pre-sença* - se dá no acontecer, isto é, no tempo. Cuidar constitui-se no exercício da pre-ocupação com o acontecer. O cuidado constitui-se no movimento do existir, na abertura do ser do ente.

### 3. Metodologia

#### 3.1 Delineamento da pesquisa

Este estudo foi realizado na abordagem qualitativa utilizando o método fenomenológico e, dado a esse fator, nos preocupamos com aspectos da realidade que não podem ser mensurados, quantificados ou ponderados. Deste modo, centra-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Minayo, 2014). Assim, esse tipo de pesquisa é focado no trabalho com os significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.

O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia segue o conceito epistemológico de consciência intencional e tem por critério fundamental a busca, tanto quanto possível, da obtenção de descrições detalhadas e concretas das experiências dos participantes. Para tanto, o pesquisador no que tange ao processo de pesquisa, precisa certificar-se da adequabilidade das descrições e assegurar quando, a partir destas, é possível gerar diferentes estruturas de significados de caráter psicológico sobre o tema de estudo. Para isto, é importante que a descrição seja tanto quanto possível específica e concreta, relacionada não tanto ou apenas com racionalizações apresentadas pelos participantes da pesquisa, mas que traga a subjetividade incorporada, tal como é experienciada, diante de determinado fenômeno, na vida cotidiana (Giorgi & Souza, 2010; Pereira & Castro, 2019).



### 3.2 Instrumento da pesquisa

A entrevista, sob o viés fenomenológico, áudio gravada, deu-se a partir de uma questão norteadora-disparadora da conversação, e apresentou possibilidade de desdobramentos, o que nos fez aprofundar a investigação, de modo que se procedeu às descrições, como as lembranças lhes surgem à consciência, objetivando-se chegar ao significado dessas vivências dos sujeitos que as protagonizaram. Foram em média de 60 minutos de duração cada entrevista.

a) Assim, a seguinte questão fora utilizada enquanto disparadora para a investigação: **“Gostaria que você falasse sobre como foi tua trajetória até se tornar quem você é. Como é olhar para trás?”**.

### 3.3 Procedimentos

Após a obtenção de aprovação no Comitê de ética (CAEE: 40074420.6.0000.5020, aprovado em reunião do dia 14.12.2020, foi realizado nas redes sociais dos pesquisadores enquete acerca da possível participação na pesquisa, tendo sido aquiescido por 2 (duas) pessoas autodeclaradas Transgênero. Foi proposta de o estudo realizado conhecer, a historicidade relativa a cada um dos possíveis participantes. Para tanto, fez-se necessário explicitar aos participantes a importância de sua participação na pesquisa e o acordo estabelecido por meio da assinatura do TCLE por ambas as partes, assegurando a idoneidade da pesquisa e seu compromisso com a relevância social, acadêmica e com os próprios participantes.

### 3.4 Coleta de Dados

A coleta de dados desta pesquisa seguiu a proposta fenomenológica de investigação em psicologia utilizando-se do método de Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019), constituído por uma componente descritiva em quatro passos, para obter, analisar, categorizar e significar as narrativas de cada participante entrevistado. As etapas metodológicas encontram-se descritas categoricamente a seguir.



**3.5 Análise das Entrevistas:** foi utilizado o Método Fenomenológico-Psicológico de Giorgi descrito a seguir em seus 4 passos:

**1º Passo:** *Estabelecer o sentido do todo:* após a transcrição, o primeiro, e único, objetivo é apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, o investigador apenas leu calmamente a transcrição completa da entrevista, colocando-se na atitude de redução fenomenológica. Não pretendeu focar-se em partes fundamentais, não colocou hipóteses interpretativas, apenas, buscou uma compreensão geral das descrições realizadas pelos participantes. Aqui, o objetivo principal foi obter um sentido da experiência na sua globalidade.

**2º Passo:** *Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado:* o investigador retomou a leitura do protocolo, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes menores. A divisão tem um intuito eminentemente prático, são as denominadas Unidades de Significado, que permitem análise mais aprofundada. Como o objetivo deste momento, temos a análise psicológica e a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se esse tipo de análise como critério de transição de sentido para a constituição das partes (unidades de significado).

**3º Passo:** *Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico:* a linguagem cotidiana da atitude natural dos participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética, a linguagem de senso comum é transformada em expressões que têm como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos participantes. O objetivo foi selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, o investigador foi capaz de expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais dos sujeitos. É também nesse momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico.

**4º Passo:** *Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos:* o pesquisador, fazendo uso da variação livre imaginativa, transformou as unidades de significado em uma estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes,



denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total sobressaia. O passo final do método envolve a síntese das unidades de significado psicológico.

### 3.6 Participantes

Foram considerados, primeiramente, vinte pessoas trans enquanto participantes da pesquisa, entretanto, cabe-nos esclarecer que os dados obtidos e demonstrados nesta pesquisa evidenciam dois participantes trans que atenderam aos critérios estabelecidos, uma vez que foram os que responderam afirmativamente à participação voluntária na pesquisa e que devido à pandemia de COVID-19, encontramos dificuldades nessa seleção para que atingisse o número proposto no projeto.

#### Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Pseudônimo	Idade	Religião	Estado civil	Formação
Jibóia	21	Candomblecista	Solteiro	Discente de História
Leão	43	Nenhuma	Casado	Ciências Biológicas

Fonte: Entrevistas

### 3.7 Pseudônimos (Participantes da Pesquisa)

Consideramos, no percurso das entrevistas, a utilização de pseudônimos escolhidos pelos próprios participantes no momento imediatamente anterior à explicitação da pergunta norteadora. Outro ponto a ser considerado, no que tange a utilização de pseudônimos é a manutenção do sigilo profissional das informações que



possam vir a identificá-los e causar-lhes quaisquer constrangimentos e/ou trazer malefícios mediante exposição pessoal em uma pesquisa científica.

#### 4. Resultados e Discussão

A partir deste momento, segue-se, metodologicamente, à luz da fenomenologia heideggeriana, as análises descritivas dos dados obtidos quando da pesquisa em campo, categorizando-se sistematicamente e reproduzindo excertos, na íntegra, das conversações entre pesquisador e entrevistados, passando-se após para as considerações teóricas do autor.

Seguindo, embasado no que a metodologia proposta apresenta, trago as categorias temáticas resultado do primeiro momento de análise, conforme pressupõe Pereira & Castro (2019) e Giorgi & Souza (2010). Assim, foram elaboradas **quatro categorias**, elencadas a seguir.

##### 4.1 Ser quem sou: trilho meu caminhar

A trajetória de vida dessas pessoas possibilita que ao olhar para sua historicidade, compreendam a dimensão de ser quem é. Os discursos trazem esse momento, o da expressão de quem é, o quanto é bom ser quem é, se perceber fluido, como percebe-se nos excertos a seguir:

Expressando quem é:

[...] no domingo tipo, eu já sentei assim com a minha mãe e falei: “Olha, a parada é a seguinte, é... eu sou trans”, na época eu também me assumi gay, isso mudou posteriormente, mas tipo, eu falei “olha, a diferença entre isso aqui é isso aqui, isso aqui é identidade, isso aqui é de quem eu gosto, e barará barará...”, eu expliquei pra ela e ela “tem certeza disso?” e eu falei “não, se eu não tivesse eu não tava falando pra ti!” e ela “ah tá, beleza então, vai jogar o lixo” tendeu? (**Jibóia**, 21 anos)

É bom ser quem sou

Ô! Era horrível de gente se violentar, casar pra dar satisfação pra família e não era aquilo que a pessoa queria, entendeu? Eu, nesse ponto aí, eu nunca me rendi não! Eu



falei... “Rapaz, eu vou trabalhar, né? Vou ganhar meu sustento...”, que foi difícil, né? Realmente foi muito difícil [...] Mas a minha história, assim, foi difícil. Eu tive muito problema com a questão da identidade e eu não conhecia esse termo, né? Transsexual, né? Então a gente tava ... eu tava tipo na categoria do homossexual, né? É maravilhoso. É muito bom ser eu! Eu tô vivendo a melhor fase da minha vida, entendeu? Feliz comigo mesmo, entendeu? E assim, de uma maneira que, é... como é que eu posso te explicar...?! Hoje eu já sou uma pessoa adulta e tal, mas sem aquela preocupação da opressão, né? De antes... você ficava um pouco preocupado. Então tanto o gay quanto a lésbica era uma pessoa que tinha que se destacar, tinha que ser melhor do que o outro naquilo que ele faz porque se não ele não... ninguém dá credibilidade. (**Leão**, 43 anos).

Ser fluido

E aí, tipo, hoje em dia é muito garoto, muito moleque e eu gosto disso, sabe? Tipo, eu sou uma pessoa muito jovem e jovial e tal, e eu sempre falo isso, tipo, é... o meu namorado comenta muito esse rolê, tipo, de eu ser muito leve, sabe? E eu acho isso muito legal, acho que, tipo, as minhas características me definindo e tudo mais, é... essa adaptabilidade, sabe? Essa inconstância de umas coisas, mas permanência de outras, sabe? Então... é muito... muito doido, é muito fluido, eu não sei definir isso. (**Jibóia**, 21 anos)

Estudos realizados por Souza & Esposito (2019), Silva (2017), Sampaio & Germano (2017), Simpson (2015) no Brasil; Henriksen (2019) em estudo realizado com pessoas da Noruega, Paquistão e Somália; Bauer (2018) em Ontário; Hancock & Greenspan (2010) em Nova York compreendem que a possibilidade de se expressar em ser quem é, transforma a vida das pessoas trans. Esse movimento é corroborado por nossa pesquisa.

Apropriar-se de si mesmo. A compreensão heideggeriana diz respeito ao fato que, em situações variadas, o Ser-Aí (cada um de nós), perde-se de si mesmo, deixa de ser quem é, não consegue olhar para si mesmo, apenas segue o fluxo. E, em determinado



momento, esse humano redimensiona o olhar, percebe-se importante em sua própria trajetória, toma para si o caminhar, apropria-se de si mesmo.

Podemos inserir, nesse contexto, o que Heidegger (2013) compreende como autenticidade. No que tange a ser quem é, a tornar-se si mesmo – como expresso nas falas – poder expressar, poder ver-se vivenciando o dia a dia com fluidez, tomando as rédeas do existir, significa um movimento autêntico ou de autenticidade do Dasein, que se permite, se possibilita caminhar pelos próprios pés.

#### 4.2 O preconceito é experienciado

Conquanto o ato de assumir-se traz a possibilidade de auto apropriação, um viés oposto ocorre, a experiência da não aceitação e do não-respeito por parte do outro com quem convivo. Efetiva-se, dessa forma, o preconceito que, na fala dos colaboradores deste estudo é explícito, é dito, é expresso. No caso de nossos participantes, a experiência foi com familiares (pai e tia, respectivamente).

Eu sou órfão de pai vivo, entendeu? Me tornei órfão de pai vivo quando me tornei Adrian, que aí meu pai não gostou de mim e a gente se cancelou um ao outro, a gente finge que não existe. Mas foi tipo, muito normal, sabe? Eu tenho uma família estruturada... eu tinha uma família estruturada, é... Minha avó por parte de pai é viva, também a minha avó por parte de mãe era viva também, então tipo, tudo foi muito certo, sabe? (**Jibóia**, 21 anos)

Vixe! Ela é totalmente homofóbica! Inclusive ela é *bolsominion*! Foi difícil, foi difícil... Eu com quinze anos eu já procurei ser independente, né? Assim, trabalhar... então alugava *kitnet*, morava a parte, né? Pra não ter aquela intromissão da família na minha vida, né? Essa minha tia ela sempre foi problemática com isso aí, de não aceitar mesmo... (**Leão**, 43 anos)

Phillips (2014), Nagoshi & Brzurzy (2010), Hines (2006) em estudos internacionais e Antra (2020), Freitas (2019), Jesus (2012) em estudos nacionais, revelam como situações de preconceito causam estranheza, dor, sofrimento e sensação de perda. Uma perda que, nos discursos apresentados, significa o afastamento de figura paterna –



até então considerada significativa – e de uma tia – e nas entrelinhas da família em si mesma – considerando a própria saúde mental, a própria caminhada.

Heidegger (2013) ao considerar a historicidade do ser humano – a quem atribui a denominação *Dasein* – chama a atenção para o adentrar situações relacionadas diretamente à ação do outro e que repercute de modo grandioso naquele, magoando-o, tornando o cotidiano difícil no que tange ao relacionamento interpessoal. Caracteriza como *inautenticidade*, como um verdadeiro tergiversar do que poderia ser um relacionamento dito saudável.

O outro fere, o outro me afeta!

#### 4.3 O olhar do outro: é necessário refletir, ir além do preconceito

Entrementes a quaisquer fatores de dor e sofrimento causados pela ação de preconceito oriunda do outro, torna-se premente não apenas re-agir, mas agir no sentido de enfrentar e poder tornar-se mais seguro e caminhar de modo mais efetivo, independentemente a quaisquer outros fatores. Dessa forma, os participantes nos trazem seu olhar sobre essa questão, de um lado, considerando que a complexidade está no outro; a vivência do ser trans é difícil dado o machismo ainda muito presente na sociedade contemporânea; posicionar-se no sentido de ir contra o que o outro está trazendo e, por último, a importância e significação do apoio de algumas pessoas.

A complexidade não está em mim

ele “olha, eu não tenho nenhum problema, ou nenhuma dúvida ou qualquer questionamento acerca de quem eu sou ou do quem eu gosto ou do que eu faço, o problema tá sempre nas pessoas”, sabe? Então, pra mim, não há complexidade alguma, é... eu vejo eu explico isso fácil e quando as pessoas que tão dispostas a entender e abertas a entender, pra mim é muito fácil, sabe? Também não tenho problema de explicar. A complexidade tá nas pessoas, eu sempre parto desse princípio, sabe? O problema é os outros, o problema não sou eu (**Jibóia**, 21 anos)  
Mas é um desafio ainda, a sociedade ela ainda é muito, é... machista, né? O patriarcado ainda é muito forte e hoje em dia as pessoas ainda estão começando a



entender essa questão de identidade e gênero... porque é uma coisa muito complexa, entendeu? (**Leão**, 43 anos)

O enfrentamento da atitude do outro

E também encontrei a sensibilidade e o endurecimento da parada, porque também não pode ser muito sensível, muito aberto... pô, eu sofri transfobia, vou chorar! Não! Vou xingar, entendeu? Vou xingar, vou bater o pé... então, tipo, foi o momento que eu percebi que certas coisas não são toleráveis, saca? Tipo, esse tipo de comportamento, esse tipo de situação, esse troço não é tolerável. Lógico que depois a gente vai fortalecendo isso, né? Já se fazem alguns anos..., mas que tipo, certas coisas não são toleráveis, sabe? Quando, sei lá, tá um amigo meu e fala alguma besteira do tipo e eu vou falar “Olha, não é bem assim, é isso aqui, isso aqui e isso aqui...”, e a pessoa entende, a pessoa está aberta, a pessoa está disposta, beleza, sabe? Mas quando a pessoa faz só por sacanagem pra te agredir e... e ela não está disposta a aprender num geral, pô, isso aqui não, entendeu? Então foi um processo de sensibilização e também de endurecimento, esse tipo de coisa eu não tolero mais. (**Jibóia**, 21 anos)

O apoio necessário

Eu acho que ela, lá do céu que ela já faleceu... deve tá feliz, entendeu? Ela sempre me apoiou. Essa minha primeira namorada que... quando eu tive quinze anos ela já dava muito apoio, entendeu? Ela ajudava a gente, fazia comida, mandava eu levar, entendeu? Ela sempre me apoiou, ela nunca foi aquela pessoa que me discriminou, entendeu? Ela sempre falou: “Olha, estuda...” (**Leão**, 43 anos)

Uma parada muito assim: “Se é isso que tu quer, não está matando, não está roubando, não está ferindo a ninguém, está sendo você”, ela não, sabe? Não botou em nada, e foi meio que nesse momento, sabe? Aí... e nisso tipo, aí foi... e foi exatamente, foi num domingo (**Jibóia**, 21 anos)

Castro (2020), Porto (2020), Louro (2018), Longaray & Ribeiro (2016), Lanz (2014), Miskolci (2012), em seus estudos corroboram com o que esta pesquisa apresenta, ou seja, ressaltam o quanto o enfrentamento de situações de transfobia e outras

correlacionadas a preconceito e discriminação é importante no sentido da pessoa trans conseguir ir adiante em seu processo de desenvolvimento e de ser quem é, de se ver como ser humano capaz, responsável por si mesmo, autêntico.

O ato do enfrentamento aqui descrito pode ser pensado sob dois aspectos. O primeiro, no sentido do enfrentamento propriamente dito em que os participantes, ao se perceberem frente a situação de preconceito, tomam para si a questão e a redimensionam, fato que Heidegger (2013) designa como um movimento autêntico, um movimento de responsabilizar-se por si e seu caminhar.

Por outro lado, esse enfrentamento torna-se possível dado o apoio que encontram em pessoas significativas, nestes casos mãe e avó, que reverbera profundamente em nossos colaboradores e possibilitou que caminhassem adiante. Temos, neste momento, o que Heidegger (2013) chama a atenção para o fato da importância do outro em nossas vidas, o quanto pode nos fortalecer em nossas propostas e objetivos.

#### 4.4 **Minha sugestão a você:** possibilite-se!

Indicativo resultante de experiências transfóbicas, preconceituosas e discriminatórias, é o fato do fortalecimento pessoal oriundo da aprendizagem. Superar situações dessa natureza, impregna na pessoa a possibilidade de olhar para trás, compreender a dimensão do vivido e, sem dúvidas, o maior de todos os aspectos, lançar contribuição para com aquele que está passando por dificuldades similares. É o que se percebe nas falas:

Lute. Tenha coragem, entendeu? Enfrente pra ser você. É um momento difícil porque as vezes as pessoas... quando você não se sente acolhido dentro da própria família é difícil. Existem casos de suicídio de gente que se assumiu homossexual ou sei lá... qualquer uma dessas siglas da nossa bandeira LGBT e a família botou pressão e a pessoa foi ao suicídio. Acho que... Lute, lute pra ser você. Tenha coragem, vale a pena. Pra mim valeu, né? (**Leão**, 43 anos)

eu digo pro jovem, literalmente, viver a vida dele, mas num sentido de que, assim, eu falo, por exemplo, do que que formou a minha experiência, porque assim, muitas... muitas olham, tipo, ah, vai falar sobre trans aí a galera quer ouvir uma história de sofrimento, e nananá e nananá... Eu falei, olha, eu nunca fiz isso na minha adolescência, entendeu? A minha... eu sempre tive uma vivência, uma parada muito aberta, e quando eu falo viver a vida é no sentido de que, assim... compreendo que eu estou num lugar muito privilegiado, do tipo, moro num bom lugar, estudei a vida



em escola particular, estou numa escola [...] É o encontro. E isso pra mim é o que eu recomendo pra todo jovem que tá muito perdido, sabe? É... é nesse momento, é o encontro, mas é o encontro que te gera outros mil questionamentos, sabe? É o encontro onde você tá se perdendo [...] Se imponha em frente ao mundo, fale quem você é, sabe? Faça ser ouvido! [inaudível] faça ser ouvido! Sabe? “Ah, mas meu pai noseique...” Faça ser ouvido, sabe? Não estou falando “Bata no seu pai!”, sabe? “Agrida um idoso!”, eu estou falando “Faça ser ouvido!”, sabe? (**Jibóia**, 21 anos)

Castro (2020) ao revelar as dimensões da clínica psicológica sob o viés dos três olhares, revela que a capacidade do humano, ao passar por situações difíceis e causadoras de mobilização interna contundente, é imensurável. Para o autor, essa é uma característica do ser humano, perceber-se como um ser de possibilidades. E, no momento em que designa ao outro que é um ser possível, agrega, nesse outro, a chance de também se perceber além da situação devastadora que vive, viveu ou viverá.

Soares & Castro (2020), Silva et al (2017), Silva & Castro (2015), Heidegger (2013), Forghieri (2011) são unânimes em afirmar que o ser humano, tendo experienciado adversidades, extrai destas o aprendizado e o redimensiona para o outro, efetiva-se o ser-com-o-outro heideggeriano que, a seu turno, significa aproximar-se daqueles que estão em seu entorno, tornando-se continente, propiciando a vivência da sabedoria que impele seu companheiro de vida ao crescimento de si mesmo e em suas relações interpessoais.

### **Considerações finais**

A temática em questão é de grande relevância diante do que vivenciamos atualmente, na contemporaneidade. Compreender a dimensão e o sentido dessa experiência tão plena de significados, encontros, desencontros e reencontros, possibilita, a quem se designa a essa compreensão, entender para além da orientação sexual ou identidade de gênero.

A nosso ver, este estudo possibilita visão mais abrangente de ser humano para além de rótulos, designações, identidades. Permite-nos compreender a pluridimensionalidade do viver trans, seus questionamentos, suas experiências – algumas



vezes – grotescas com o outro, sua capacidade de apropriar-se de si mesmo, de enfrentar as agruras que vida trouxe e traz, de poder olhar para trás e compreender sua historicidade sem culpas ou vitimizações, de contribuir para com o outro. Enfim, de ser quem é sem justificativas!

Este estudo visa, ainda, possibilitar que outros olhares possam ser lançados sobre a temática e outras contribuições e compreensões se façam presentes.

## Referências

- ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2020) Assassinatos contra travestis e transexuais em 2020. Boletim nº 03/2020.
- APA–American Psychological Association (2014) **Answers to your Questions About Transgender People, Gender Identity and Gender Expression**. American Psychological Association, 2014.
- Bauer , G. R. et al. (2015) Intervenable factors associated with suicide risk in transgender persons: a respondent driven sampling study in Ontario, Canada. **BMC Public health**, v. 15, n. 525,
- Brasil. (2011) Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria** nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011
- Butler, J. (2017) **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- Castro, E.H.B. de (2009) **A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger** – Ribeirão Preto. Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto. USP. Tese (Doutorado). 2009, 182p.
- Castro, E. H. B. de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: Castro, E. H. B. de (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa**. – Appris, p. 17-26.
- Castro, E.H.B. de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares In: Castro, E.H.B. de **Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica** : o contexto amazônico em pesquisa e clínica – 1ª ed. – Appris, p. 157-176.
- Ferreira, B. O. et al. (2017) Vivências de travestis no acesso ao SUS. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1023-1038 <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312017000400009>



- Forghieri, Y. C. (2011) **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisa. Pioneira Thomson Learning.
- Freitas, M. L. C. (2019) **Transgêneros e violências**: análise as políticas públicas de enfrentamento à transfobia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador.
- Giorgi, A. & Souza, D. (2010) **Método fenomenológico de investigação em Psicologia**. Fim do Século.
- Hancock, K. A. & Greenspan, K. (2010) Emergence and Development of the Psychological Study of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Issues. In: Chrisler, J. C. & McCreary, D. R. **Handbook of Gender Research in Psychology**. Volume 1: Gender Research in General and Experimental Psychology. Springer.
- Heidegger, M. (2013) **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Vozes; Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2003) **Os conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude e solidão. Tradução Marco Antonio Casanova. – Rio de Janeiro : Forense Universitária.
- Hines, S. (2006) What's the Difference? Bringing Particularity to Queer Studies of Transgender **Journal of Gender Studies**, Vol. 15, No. 1 March, pp. 49–66 <http://www.tandf.co.uk/journal> DOI: 10.1080/09589230500486918
- Henriksen, L. *et al.* (2019) The Safe Pregnancy study - promoting safety behaviours in antenatal care among Norwegian, Pakistani and Somali pregnant women: a study protocol for a randomized controlled trial. **BMC Public Health** 19, 724. <http://doi.org/10.1186/s12889-019-6922-y>
- Jesus, J. G. de. (2012) **Orientações Sobre Identidade de Gênero**: Conceitos e Termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília.
- Lanz, L. (2014) **O Corpo da roupa: a pessoa transgênero entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- Longaray, D. A. & Ribeiro, P. R. C. (2016) Travestis e Transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. **Estudos Feministas**, v. 24, p. 761-784.

- Louro, G. L. (Org.). (2018) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica Editora.
- Minayo, M. C. S. (2014) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Vozes.
- Moskolci, R. (2012) **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Autêntica Editora, 2012.
- Modesto, E. (2013) Transgeneridade: um complexo desafio. **Via Atlântica**, n. 24, p. 49-65, dez.
- Nagoshi, J.L. & Brzuzy, S. (2010) Transgender Theory: Embodying Research and Practice **Affilia** 25: 431 <http://doi.org/10.1177/0886109910384068>.
- Pelúcio, L. (2011) Marcadores Sociais da Diferença nas Experiências Travestis de Enfrentamento à aids. **Saúde Soc.** v.20, n.1, p.76-85.
- Pereira, D.G. & Castro, E.H.B. de. (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, E.H.B.de. (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* – 1ª ed. – Appris, p.15-32.
- Phillips, R. (2014) TSQ: Transgender Studies Quarterly **Duke University Press** Volume 1, Numbers 1–2 May, 2014
- Porto, R.L.de A. (2020) Subjetivação, feminilidade e corpos (trans)formados em tempo de Aids: a escuta de mulheres transgênero. In: *Castro, E.H.B de (Org.) Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica : o contexto amazônico em pesquisa e clínica* – 1ª ed. – Curitiba : Appris, p. 105-130, 2020.
- Preciado, B. (2014) **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. N-1 edições.
- Reis, T. (Org.). (2018) **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.
- Sampaio, J. V. & Germano, I. M. P. (2017) “Tudo é sempre de muito!”: produção de saúde entre travestis e transexuais. **Rev. Estud. Fem.**, v. 25, n. 2, p. 453-472, <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p453>>.
- Silva, J.M. & Castro, E.H.B. (2015) Ela tem peito, sou des-peitada: muito prazer: sou mastectomizada. **Ayvu, Revista de Psicologia**, 2(1), 47-83, 2015. <http://doi.org/10.22409/ayvu.v2i1>
- Silva, L. K. M. *et al.* (2017) Uso do nome social no Sistema Único de Saúde: elementos para o debate sobre a assistência prestada a travestis e transexuais. **Physis**, v. 27, n. 3, p. 835-846, 2017
- Simpson, K. S. (2015) Transexualidade e travestilidade na Saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília.
- Soares, E.S. & Castro, E.H.B.de. (2019) De cada dificuldade, minha trajetória como discente-empresária-mãe-filha me revelou o mundo: o olhar sobre a díade trabalho-



academia. In: Castro, E. H. B. de (2020) **Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica**: o contexto amazônico em pesquisa e clínica – 1ª ed. – Appris, p. 63-82.

Souza, E. T. de; Sposito, S. E. (2019) In: Sousa, Ematuir Teles de; Amaral, Marília dos Santos; Santos, Daniel Kerry dos. **A Atuação Das(os) Psicólogos(os) Em Relação Às Pessoas Travestis e Transexuais e o Posicionamento Ético-Político a Partir da Resolução cfp nº 01/2018**. Psicologia, travestilidades e transexualidades : compromissos éticopolíticos da despatologização. Tribo da Ilha, 2019.

Transgender Europe (2016) Informe anual del TMM 2016. 2.190 asesinatos son sólo la punta del iceberg: Una introducción al proyecto Observatorio de Personas Trans Asesinadas. **Serie de Publicaciones TvT**, v.15.

World Health Organization (2018) **The 11th Revision of the International Classification of Diseases**.

**Recebido: 29/11/2021 Aceito: 14/12/2021**

### **Autores**

#### **Tharcio Vito Marialva Ferreira**

Graduando em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica PROPEP/UFAM. E-mail: tharciovito@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1783-6141>

#### **Milena Cecilia Barroso Fernandes**

Graduanda em Medicina pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: milena\_mcb@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5435-2632>

#### **Adria Pimentel Silva**

Graduanda em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail [pimentel.adria16@gmail.com](mailto:pimentel.adria16@gmail.com) . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6275-0187>.

#### **Janderson Costa Meira**

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM). Membro do Labfen. E-mail: [jandersonmeiraa@gmail.com](mailto:jandersonmeiraa@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>



**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

**e-ISSN 2675-410X**



**UFAM**

### **Emerson de Matos de Souza**

Graduando em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [emersonmatt2001@gmail.com](mailto:emersonmatt2001@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1019-1800>

### **Ewerton Helder Bentes de Castro**

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia FAPSI/UFAM. Coordenador do Labfen. E-mail: [ewertonhelder@ufam.edu.br](mailto:ewertonhelder@ufam.edu.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>